



## "Quando a Literatura e História se encontram - Tecendo reflexões da obra 'A fome' de Rodolfo Teófilo"

*"When Literature and History meet - Weaving reflections on the work 'A fome' by Rodolfo Teófilo"*

*"Cuando la Literatura y la Historia se encuentran - Tejiendo reflexiones sobre la obra 'A fome' de Rodolfo Teófilo"*

**Leidiane Francelina Batista<sup>1</sup>, Déborah Marízza Arruda de Lima<sup>2</sup>, Iraícsa Unias Silva<sup>3</sup>,  
Arimaria de Lira Fonseca<sup>4</sup>, Geórgia Vieira Braga<sup>5</sup> e Suzana Araújo dos Santos<sup>6</sup>**

**RESUMO:** O presente artigo visa abordar a obra do sanitarista, farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo, no seu livro de romance "A fome - Cenas da seca no Ceará", que teve sua primeira versão publicada em 1890, um ano após a Proclamação da República e que foi considerada a primeira obra de romance que trata das secas no Nordeste brasileiro. Nesse trabalho, vai ser analisado como aporte principal a sua versão publicada em 2011, que teve pequenas mudanças, mas não fugiu de sua originalidade. Desse modo, busca-se demonstrar a importância da literatura vinculada com a História, como meio de fonte para pesquisa historiográfica e como tal, tem sua preocupação voltada a denúncia das mazelas que se passaram nas secas de 1877-1879. A presente pesquisa se justifica também, por tentar trazer para o âmbito do ensino as relações que se tem na História e Literatura e que busca nessa obra recuperar aspectos sociais de uma sociedade que ressoa até os dias de hoje, tanto a história com seus aspectos sociais e é uma disciplina escolar de grande importância para o desenvolvimento crítico dos discentes, como a literatura tem sua importância na forma de expressão artística, mas que traz a historicidade e que é utilizada como fonte documental para a pesquisa. A metodologia utilizada, se deu a partir da leitura do livro com análises de seus principais aspectos, evidenciando a historicidade da obra e de suas relações com o ficcional, compreendendo sua importância e relevância para o âmbito da docência. Respalamos teoricamente as discussões através de teóricos como Frederico de Castro Neves (2007), Gabriela de Lima Grecco (2014), Roger Chartier (1990), entre outras produções que deram suporte para essa pesquisa.

**Palavras-chave:** Literatura; História; Fonte para a pesquisa; Reflexão.

**ABSTRACT:** Este artículo tiene como objetivo abordar la obra del sanitarista, farmacéutico y escritor Rodolfo Teófilo, en su novela romántica "A fome - Cenas da seca no Ceará", que tuvo su primera versión publicada en 1890, un año después de la Proclamación de la República y que fue considerada la primera novela que trata sobre las sequías en el Nordeste brasileño. En este trabajo se analizará como aporte principal la versión publicada en 2011, la cual tuvo cambios menores, pero no se desvió de su originalidad. De esta forma, se pretende demostrar la importancia de la literatura ligada a la Historia, como medio fuente para la investigación historiográfica y como tal, su preocupación se centra en denunciar los males ocurridos en las sequías de 1877-1879. La presente investigación también se justifica por tratar de llevar al ámbito de la enseñanza las relaciones que existen en Historia y Literatura y que busca en este trabajo recuperar aspectos sociales de una sociedad que resuena hasta el día de hoy, tanto la historia como sus aspectos sociales y es una materia escolar de gran importancia para el desarrollo crítico de los estudiantes, ya que la literatura tiene su importancia en la forma de expresión artística, pero que aporta historicidad y que se utiliza como fuente documental para la investigación. La metodología utilizada se basó en la lectura del libro con análisis de sus principales aspectos, destacando la historicidad de la

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de História pela Universidade Regional do Cariri- CE. E-mail: leidiane.francelina@urca.br;

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de História pela Universidade Regional do Cariri – CE. E-mail: deborah.lima@urca.br;

<sup>3</sup>Graduanda do Curso de História pela Universidade Regional do Cariri – CE. E-mail: iraicisa.unias@gmail.com;

<sup>4</sup>Graduanda em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (IBRAPES). E-mail: arimaria.37@hotmail.com;

<sup>5</sup>Mestre em Sistemas Agroindustriais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pelo Centro de Ensino Superior São Francisco (CESSF). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: georgia.ufcg@gmail.com;

<sup>6</sup>Mestre em Sistemas Agroindustriais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Administradora e Servidora Pública Federal. Email: suzana.santos2007@yahoo.com.br.

obra y sus relaciones con la ficción, comprendiendo su importancia y relevancia para el campo de la enseñanza. Sustentamos teóricamente las discusiones a través de teóricos como Frederico de Castro Neves (2007), Gabriela de Lima Grecco (2014), Roger Chartier (1990), entre otras producciones que sustentaron esta investigación.

**Key-words:** Literature; History; Source for the research; Reflection.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo abordar la obra del sanitarista, farmacéutico y escritor Rodolfo Teófilo, en su novela romántica "A fome - Cenas da seca no Ceará", que tuvo su primera versión publicada en 1890, un año después de la Proclamación de la República y que fue considerada la primera novela que trata sobre las sequías en el Nordeste brasileño. En este trabajo se analizará como aporte principal la versión publicada en 2011, la cual tuvo cambios menores, pero no se desvió de su originalidad. De esta forma, se pretende demostrar la importancia de la literatura ligada a la Historia, como medio fuente para la investigación historiográfica y como tal, su preocupación se centra en denunciar los males ocurridos en las sequías de 1877-1879. La presente investigación también se justifica por tratar de llevar al ámbito de la enseñanza las relaciones que existen en Historia y Literatura y que busca en este trabajo recuperar aspectos sociales de una sociedad que resuena hasta el día de hoy, tanto la historia como sus aspectos sociales y es una materia escolar de gran importancia para el desarrollo crítico de los estudiantes, ya que la literatura tiene su importancia en la forma de expresión artística, pero que aporta historicidad y que se utiliza como fuente documental para la investigación. La metodología utilizada se basó en la lectura del libro con análisis de sus principales aspectos, destacando la historicidad de la obra y sus relaciones con la ficción, comprendiendo su importancia y relevancia para el campo de la enseñanza. Sustentamos teóricamente las discusiones a través de teóricos como Frederico de Castro Neves (2007), Gabriela de Lima Grecco (2014), Roger Chartier (1990), entre otras producciones que sustentaron esta investigación.

**Palabras-clave:** Literatura; Historia; Fuente de la investigación; Reflexión.

## INTRODUÇÃO

A história do Ceará é marcada por diversos períodos de secas. Frederico de Castro Neves (2007), afirma que há registros documentais sobre a carência de chuvas, que remontam ao tempo da colonização desse território que hoje é conhecido pelo nome de Ceará, é também observado por ele que poucas ou nenhuma medida foi tomada pelos governos que aqui regeram. Rodolfo Teófilo, em seu romance "A fome – Cenas de seca no Ceará" (1890), publicado em Fortaleza, denuncia o descaso com a população, a miséria e a vulnerabilidade desse território e dos seus habitantes durante a seca de 1877-1879, que tem duração de cerca de 3 anos e sua passagem, trouxe danos enormes para a população.

Conhecida como seca de 77 ou seca dos "três 7", foi a seca que ocorreu depois de duas décadas de invernos regulares, significa dizer que ela pegou a todos de surpresa, pois não era esperado uma seca depois de um grande período de chuvas regulares. Para Neves (2007), a seca de 1877, vira um marco no que entendemos como seca e os seus impactos. É através dela que as pessoas que mais sofriam com a falta de chuvas foram a capital de estado em busca da sobrevivência, essa ida a Fortaleza os fez ficar conhecidos como retirantes ou flagelados, essa segunda, numa época posterior, e que é importante salientar que ocorre pela visão da elite da época, principalmente a elite fortalezense. É desse período de descaso, fome e luta pela vida que Rodolfo Teófilo vai retratar em seu livro.

Como morador da capital cearense, Teófilo teve acesso aos danos que a seca estava causando em sua cidade, aliado a suas profissões de médico e farmacêutico, o escritor cearense retrata esse cenário de miséria e sofrimento. Apesar de sua formação, ele não usa vocabulário científico no escrito, deixando o seu texto mais acessível ao público letrado (BRITO, 2013). Sendo livro escrito em 1890 uma obra de teor fortemente naturalista e que flerta muito com as teorias vigentes da época. Sabendo disso, vale ressaltar que a nova versão publicada recentemente não deixa para traz a marca do médico.

Em 2011, uma nova versão da obra foi publicada e passou por pequenas alterações, sendo elas na norma culta e páginas que não estão na mesma ordem, mas que não perdeu a sua originalidade e forte característica que os escritos de Rodolfo Teófilo carregam. Sendo que as regras gramaticais da época não é a mesma de hoje. Nessa circunstância, alguns críticos até duvidaram do romance de Teófilo, por não seguir uma regra gramatical. Nas notas de Waldemar Pereira Rodrigues (2011, p-8), ele diz que a crítica da época não entendeu as intenções de Teófilo, onde ele estrutura uma obra, numa língua tão cheia de percalços. Não se sabe se foi proposital pois ele já era graduado em curso superior, e vivia num momento que sabia o que fazia, mas talvez não quisesse seguir as regras. O que faz com que a obra literária se torne de certa forma mais fiel ao vocabulário usado pelos sertanejos, de uma linguagem casual e de fácil entendimento. Ele não se detém a formalidades na construção do texto, e isso é demonstrado em toda obra.

Assim sendo, um livro tão cheio de informações e de críticas, hoje se torna uma obra de extrema importância, quando se trata do tema da seca em principal a seca no Ceará. Rodrigues (2011) faz até um comparativo com a obra de Raquel de Queiroz “O quinze”, pois trazendo as palavras de José Murilo de Carvalho, o próprio diz que a obra dela, foi feita criando literariamente a realidade, e que se afastou da crueza naturalista de Teófilo. Ele até mesmo diz uma opinião dela sobre Teófilo, considerando-o um péssimo romancista e que tinha “urubu demais, cadáver demais” (p-9). Mesmo nessa ideia, Rodrigues (2011) salienta que um tema como seca, cheia de misérias, fome, doenças, seria possível trabalhar de forma clean? Rodolfo (2011) saiu dessa ideia e retratou cenas de se arrepiar, abordando uma realidade cruel impossível de romantizar. E nesse movimento que é chamado “literatura de 30” o tema da fome não mais deixara de fazer parte da produção estética brasileira, sendo deixado para traz um dos percalços da realidade brasileira que ainda afligem os dias atuais. E é nesse sentido que Teófilo ganha destaque, e passa a ser pioneiro dessa temática, com a forma que retrata o flagelo de 1877.

Nessa época, Teófilo trabalhava como farmacêutico, e além de vivenciar a seca de perto, também tratou muitos doentes de varíola, é válido destacar que durante esse período, ele vacinou muitas pessoas, mesmo a força, para que assim a doença amenizasse. Tudo se misturava com a seca, vinha a fome, as doenças, e assim se instaurava um caos social. No primeiro ano de flagelo, só em um dia foram registradas cerca de mil mortes. Com o passar do tempo, nas palavras de Rodrigues (2011, p.12) além de estar ajudando com remédios e vacinas, Teófilo decide escrever, mas queria uma literatura engajada e que se colocasse como instrumento político contra as injustiças ou como forma de denúncia dos desmandos do governo. Nesse livro, não vai faltar referências a corrupção, falta de humanidade, desvios de dinheiro, inoperância do governo etc.

O presente texto tem como objetivo de demonstrar a importância da literatura vinculada a pesquisa histórica, além de relacioná-lo com o ensino e a pesquisa. Dessa forma vemos estabelecer uma ponte com literatura, a fim de ajudar no desenvolvimento crítico de um modo geral. A obra de Teófilo sendo um suporte, para compreendermos esse fato histórico, pois tem um teor documental, descreve precisamente o ocorrido e nos dá uma possibilidade imagética.

## **HISTÓRIA E LITERATURA – DISCIPLINAS QUE SE ENTRELAÇAM NO CAMPO DA PESQUISA E DO ENSINO**

O uso da Literatura pela História, é uma das grandes novidades que surgiram no século XX na historiografia mundial, essa união surge com essas modificações, é a partir da década de 90 do século passado, que esse enorme passo foi tomado. A História como disciplina, só vai acontecer no século XX, com um movimento que vem da França, na década de 1920, na Universidade de Estrasburg, por professores estudiosos e que se preocupava em como a história estava sendo feita, chamados de Marc Bloch e Lucien Febvre (BURKE, 2010).

Eles fundam uma revista, como diz a historiadora Gabriela de Lima Grecco (2014, p.41) chamada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, em 1929, e que se caracterizou-se por criticar à historiografia tradicional e, por conseguinte, ao domínio da historiografia político-factual. Dessa forma, eles buscam uma historiografia mais ampla e que pudesse atingir todas as atividades humanas, desde a literatura, que é onde vamos fazer uma ponte, para a psicologia, geografia, linguística, Sociologia, Antropologia, entre tantas disciplinas que não eram incluídas no mundo historiográfico. Pois, para Bloch (2001), “a História é a ciência dos homens no tempo”, sendo assim tudo que é produzido pelo Homem, e de interesse da História enquanto

ciência. Dessa forma, a literatura como produto do homem é sim um objeto para o estudo do historiador.

Essa mudança, contribuiu muito para a interdisciplinaridade da história, que antes tinha por base para a pesquisa, apenas documentos ditos oficiais. Em Grecco (2014) salienta que “o emprego da palavra fonte estava fundamentado na ideia de que os documentos utilizados pelo historiador deveriam ser oficiais (como atas públicas, relatórios, correspondência diplomática, decretos, entre outros), e que seguindo essa lógica, o uso de outras disciplinas ou campos de estudo, não seriam verídicos para poder se utilizar. Dentro desse pensamento, textos literários, fontes artísticas, ou outros meios de pesquisa, não valeriam dentro dessa “verdade histórica”. Assim, atribui-se ao que Grecco (2014) diz que à disciplina da história seria como ciência, e a literatura seria uma ficção.

Nesse jogo de pensamentos, fica claro como a Revista *Annales*, criada em 1929, foi importante para se retirar esses pensamentos, o intuito deles era sair dessa ideia de História oficial, que só valorizava os grandes feitos, os grandes heróis, para partir para um campo mais amplo de possibilidades, que girava em torno de se pensar em uma nova história.

Nesse pensamento da História oficial, que via a Literatura como algo do mundo imaginado, algo verossímil e a História, como concreto e real, e que não deveria ter a imaginação ou subjetividade do autor, passa a ser destruído, e vai se construindo um “novo mundo” para a historiografia. O passado seria reconstruindo de forma perfeita e fidedigna. Essa revista foi esse marco na história para se pensar em uma nova historiografia. O elo criado entre os dois, pode também estabelecer uma maior proximidade com o pretérito, sendo esse um dos objetivos da História quando se debruça sobre o passado (PESAVENTO, 2004, p.82).

Seguindo o caminho de novos horizontes, a História vai adentrar em outros campos das ciências humanas, trazendo novos objetos e espaços de pesquisa. Segundo Grecco,

[...] Durante as décadas de 1960 a 1980, as novas gerações de historiadores ampliaram o leque relativo aos problemas, aos objetos e às abordagens da disciplina, influenciados pela ascensão dos estudos culturais. Novas temáticas surgiram, como os estudos de crenças, rituais, memória, sensibilidades, lutas simbólicas, entre outros, os quais convergiram no retorno da proposta inicial dos *Annales*. (2014, p-41).

É nesse caminho que a História e a literatura se unem, demonstrando que as duas podem trazer um arcabouço de histórias humanas e que podem trazer uma realidade antes não investigada, e por sua vez, a literatura se torna uma fonte para a pesquisa em História. Dentro desse campo, é importante trazer um movimento que surge na historiografia, que é a História Cultural. É nele que essas duas disciplinas se fazem e refazem. É na História Cultural, citando Grecco (2014), que cita Chartier (2006) que

A nova história cultural propõe um modo inédito de compreender as relações entre as formas simbólicas e o mundo social. A uma abordagem clássica, ligada à localização objetiva das divisões e das diferenças sociais, ela opõe a sua construção a partir das práticas sem discurso e das lutas de representações. Em seguida, a nova história cultural encontra modelos de inteligibilidade em vizinhos que até aí os historiadores tinham frequentado pouco: como antropólogo e críticos literários. Sucederam-se assim novas proximidades que obrigam os historiadores a ler de maneira menos diretamente documental os textos ou as imagens e a compreender nos seus significados simbólicos os comportamentos individuais ou ritos coletivos (p-41).

É nessa História Cultural e na Nova História, em que vão surgindo novos conceitos de documento, promovendo revisões na história já redigida, exigindo mais atenção na hora da escrita.

Assim, essas novas formas de representação do mundo que “A literatura assume um novo papel dentro da disciplina da História, como de significativa fonte de análise das diferentes visões de mundo que o homem apresentou em cada tempo e espaço” (GRECCO, 2014, p- 42). Essa representação será muito importante, pois é nesse conceito que fornece uma base sólida para a utilização da literatura no ensino de história da educação básica e da graduação. Roger Chartier, durante a década de 1980, diz que a representação é “a variabilidade e pluralidade de compreensões (ou incompreensões) das representações do mundo social e natural propostos nas imagens [...]” (p-21). Assim, compreende como os grupos impõem suas formas de dominação e de vê o mundo, seus valores, e seus domínios.

Esse conceito também tinha sido analisado por Émile Durkheim, durante o início do século XX, onde Grecco irá dizer que “Para este sociólogo, este conceito é entendido como categoria de pensamento que através da qual determinada sociedade constrói e expressa sua realidade; é, portanto, um conceito socialmente construído e que se impõe independentemente da vontade individual”. (2014, p-42). Sendo assim, através dessas representações e visões de mundo, que as sociedades se reconhecem e definem sua existência.

Dentro desse mundo simbólico, onde os discursos literários ganham novos sentidos e espaços, ganhando novas visões. A literatura, passa a ser vista como nova fonte documental, que possibilita diversos modos de leitura, que se encaixam no que Rodolfo Teófilo traz em seu livro. É através da compreensão de um universo cultural que as coisas fazem e se refazem, trazendo valores sociais, expondo modos de agir de uma época, seus desejos, preocupações e limitações. Assim Grecco salienta que “A literatura, por sua vez, é compreendida como uma representação de uma época que comporta, através das descrições dos personagens, dos diálogos, das ações, as imagens sensíveis do mundo” (2014, p-46). Assim, ela comporta um arcabouço de capacidades de reinterpretação da História.

Para Valdeci Rezende Borges (2010), as considerações da pesquisa histórica juntas da literatura, sendo a literatura essa forma de criar, em contato com a sociedade, ela não surge do nada. Sendo assim outra forma de produção de conhecimento histórico, que deve ser problematizada e historicizada, trazendo discursões para esses campos de estudo. O autor salienta que “a literatura, seja ela expressa nos gêneros crônica, conto ou romance, apresenta-se como uma configuração poética do real, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade” (2010, p-108).

Em suma, ela deve ser interrogada e analisada, como qualquer outra fonte. Posto isto, o livro “*A fome*” tem sua carga literária e fonte documental, que deve ser analisada e discutida nos diversos âmbitos de ensino, ou mesmo para pesquisa historiográfica. A Literatura é um testemunho histórico, quem o fez, estava numa época, num contexto social, em um momento específico de tempo e de lugar, que traz as experiências de quem resolveu escrever algo. Assim sendo, a literatura como fonte histórica deve ser problematizada, passando pelo olhar crítico não só de quem o faz, mas também visto pela ótica de pesquisadores, no nosso caso, do historiador.

## LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA

O professor historiador tem a possibilidade de usar vários recursos para a aula, que podem ser desde objetos, a fim de refletir sobre o uso deles, fontes de jornais, relatórios de presidente, arquivos de igreja, ou até mesmo fontes da internet, a livros de literatura. Assim, nesse campo para explorar a imaginação e a capacidade crítica do estudante, vivenciamos momentos de suma importância para o ensino aprendizagem. E é no campo dos livros, da literatura que vamos adentrar.

Nesse tópico iremos abordar o uso do livro “*A Fome*” de Rodolfo Teófilo como uma alternativa para o ensino de história. Primeiramente, o professor enquanto mediador da discussão deve levar em consideração a maturidade dos seus alunos para com o tema, significa dizer também que deve haver uma primeira socialização do tema seca no Ceará, assim os alunos já terão uma ideia do assunto que vai ser abordado. Pois, na obra de Rodolfo Teófilo podemos perceber uma análise em dois campos de visão, o autor vai trazer o personagem principal, Manuel de Freitas, finais diferentes, possibilitando que o aluno possa ter vários pensamentos críticos em relação a construção da obra. Nas palavras de Moraes (2020)

[...] O epílogo serve apenas para dar o arremate da ação. Cabe notar que na edição de 1890, embora o núcleo duro da família de Freitas sobreviva e possa retornar para casa.

O tom é sombrio, e não se pode chamar o final de feliz. Por outro lado, na segunda edição, publicada em 1922, o autor faz com que o “felizes para sempre” aconteça, ao menos aparentemente. (Moraes, 2020, p. 26)

Esses contextos apresentados pelo autor, possibilita o professor trazer para a sala de aula uma análise, discutindo como a inclusão de narrativas literárias pode enriquecer o ensino de história, proporcionando uma compreensão dos eventos históricos e de suas repercussões sociais. Principalmente porque o livro vai assumir o papel de fonte, e como toda fonte, ela deve ser questionada.

Assuntos como a seca no Nordeste, e nesse caso no Ceará são escassos e estereotipados em sala de aula, com isso acaba não tendo a empatia dos alunos e gerando informações controversas. É através de momentos importantes, como o debate da seca, que é um fenômeno de ocorrência na região e que acontece mais próximo aos discentes, isso se levamos em consideração os alunos cearenses, que poderemos ter uma discussão prazerosa e que leve a questionamentos do porquê da seca ser mais relacionada como fenômeno natural, sendo que também é social. Trabalhando o que Paulo Freire (1996) costuma sempre incentivar que é se aproximar da realidade do aluno, sendo levados a discutir algo, que pode ter acontecido com um familiar de uma geração passada, e que ainda é um fenômeno recorrente no Nordeste, não tão catastrófica como ocorreu na narração do livro, mas que ainda perdura com outras formas. São acontecimentos que precisam de uma discussão e de se pensar o lugar onde se vive.

A história e a literatura, juntos na obra de Teófilo possibilita que, o professor consiga estimular a leitura dos alunos de uma forma que eles possam fazer uma associação com o seu cotidiano, pois abri portas para o interesse do aluno sobre o assunto e estimular ao mesmo tempo o lado crítico utilizando a leitura ao seu favor, entretanto, é importante ressaltar um argumento apresentado por Magnami (2009)

[...] A formação e a transformação do gosto não se dão num passe de mágica. [...] Cabe ao professor romper com o estabelecido, propor a busca e apontar o avanço. Para isso é preciso problematizar o conhecido, transformando-o num desafio que propicie o movimento. [...] Se entendermos que os gostos não são naturais, nem imutáveis, nem sucessivos, mas que se integram ao processo de desenvolvimento em sobressaltos, em que o sujeito vai superando a si mesmo, traçando seu percurso histórico rumo a um objetivo que é sempre provisório e ponto de partida para novos avanços, o trabalho com a leitura da literatura tem de levar em conta essa luta da criança e do jovem (e do professor) inserida na luta e nas contradições da linguagem. É preciso problematizar a noção de carência, geradora de uma pedagogia da facilitação, deslocando o impasse da adequação demagógica ou imposição autoritária para o problema da superação crítica e histórica do gosto, com base numa pedagogia do desafio do desejo. (MAGNAMI, 2009, p. 105).

A construção de uma boa leitura de uma obra complexa, como “A Fome”, traz para a sala de aula uma nova didática de se vê a história, e que leve o discente a se habituar com



leituras de história contidas na literatura e que consiga aprimorar e estimular seus pensamentos críticos, além de aprender a extrair o sentido mais profundo de uma narrativa. O professor colaborará com o objetivo de formar cidadãos conscientes e críticos da realidade social.

O romance vai ser rotulado como uma literatura naturalista, trazendo conceitos voltados para o meio emocional e subjetivos, possibilitando que o professor historiador possa fazer conexões entre o texto literário e o contexto histórico em que foi produzido, retratando as questões sociais e culturais da época que são enfatizados pelo autor

[...] Nesta conjuntura, é interessante buscar a contribuição de Paulo Freire. Ora, para Freire (2003) conhecer a realidade consiste em lê-la com um aguçado olhar e lançar-se às mudanças, tendo em vista que nosso mundo hodierno é marcado pelo abismo da desigualdade. Leitura significa conhecimento, e o conhecimento, por sua vez é transformador. Para tanto, torna-se imprescindível a construção de uma perspectiva em que o ser humano se aproprie da leitura como uma prática de elucidação e visualização da dinâmica social. Isto é, construir condições de leitura dos códigos linguísticos que efetuem as relações sociais, mas, fundamentalmente, a leitura dos meandros ideológicos que perpassam os enlaces sociais. (JUNIOR, 2017, HIGUCHI, 2017, p. 103).

Trago Paulo Freire (2003) novamente, que é um nome importante para a educação, no qual vai ressaltar como a ligação entre história e literatura vai trazer para a sala de aula uma mistura de conceitos, como a conscientização e transformação social do aluno e como ele enxerga essas questões, possibilitando que o professor traga a obra para os dias atuais fazendo essa ligação com a realidade dos alunos e possibilitando o pensamento crítico de todos.

Os pesquisadores apontam para o fato de como a obra atravessou o tempo, sendo muito importante para entender alguns acontecimentos da nossa geração e como isso pode ter sido consequência dos fatos históricos, trazendo a triste realidade que segue atualmente e com os mesmos problemas com as políticas públicas para as classes pobres. Moraes (2020), vai mencionar na sua dissertação de mestrado que

[...] Durante esse percurso, pela perspectiva do protagonista, o leitor encontra personagens em condições terríveis: uma parturiente morta e seu bebê ávido pelo leite materno inexistente nos seios murchos e gélidos da mãe; pessoas sendo devoradas por animais, como um suicida enforcado devorado por um cão, uma criança coberta por morcegos que lhes sugam todo o sangue e uma sertaneja fraca sobre a qual os urubus começam o baquete antes mesmo de sua morte; há também autofagia e uma constante bestialização dos flagelados. Na segunda parte, temporalmente concomitante aos acontecimentos da primeira, a perspectiva narrativa é alterada entre alguns personagens. (Moraes, 2020, p. 25-26)

Como diz Moraes (2020, p. 95), “O que não se pode negar é que fazem sentir, incomodam, provocam”. A obra vai trazer esse incomodo, pois é um romance geográfico e social, a literatura é arte e expressão literária, tem o conceito abrangente e humanizado, fazendo

os estudos terem uma compreensão mais rica e contextualizada dos eventos históricos. É justamente esse incomodo que quebra os estereótipos da seca e transforma uma aula que seria cansativa e monótona, em um espaço para questionamentos e reflexões.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse ínterim, fazendo a junção da História com Literatura e ensino, vimos o quão importante são essas disciplinas que se entrelaçam e se fazem uma só em sala de aula. Sabemos que cada uma tem suas particularidades, mas que juntas formam um material de grande importância para se explorar vivências, histórias de personagens e ficções que podem trazer para o real, principalmente podem levantar discussões valiosas. Como Borges (2010) afirma, se a literatura “como outros monumentos e arquivos humanos, guarda as questões de um tempo e as marcas de um povo e de um lugar, lidar com tais fontes requer a construção de instrumentos afinados capazes de lançar luz àquilo que traz em seu bojo” (2010, p-107).

Dessa forma, fazemos essa construção pensando nas particularidades que traz um livro de literatura e o que nele pode ser apresentado. Como já foi mencionado no corpo do texto, a história contida em um livro, está inserido em uma época, lugar e costumes distintos, e que perpassa o tempo trazendo visões de uma época. Sendo assim, devemos fazer uma leitura minuciosa, que todo o enredo da obra seja compreendido e analisado com atenção.

O livro “A fome” nos faz repensar um contexto de uma época que passou por muitas transformações políticas, sociais, culturais e econômicas. Perpassando o século XIX, abrange um cotidiano de pessoas comuns, que trabalhavam em fazendas, pessoas com certa autoridade na época, que com o seu poder transformou e modificou ações do cotidiano, mas que a seca acabou transformando algumas dessas autoridades, reduzindo-as em miséria, outros conseguiram enriquecer, mas a maioria da população, ficou à mercê desse jogo de poder e falta de assistência. Assim, esse é um livro que aborda as transformações dos papéis sociais diante das adversidades, um ponto que deve ser muito trabalhado em aula.

Pensar no livro como uma fonte documental, é construir ensinamentos de uma época já passada, mas que traz muitos elementos ainda discutidos nos dias de hoje.

Assim, segundo Borges (2010) que cita Paris (1988), falando sobre o historiador da cultura que:

ao trabalhar com a documentação literária, depara-se com a questão de que quase nunca é o primeiro leitor do documento, tendo de abordá-lo em diálogo com uma escala, um sistema de referências, uma história literária, que já classificou,

hierarquizou as escritas, as obras e os autores. (BORGES, 2010, p-107 apud PARIS, 1988, p- 95).

Fazendo isso, é a parte que devemos ter mais atenção ao novo olhar que vamos lançar dentro da obra, é procurando leituras e escritas já realizadas e submetendo a novas considerações e novos pontos que a obra pode trazer. Dando significações e novas imagens sobre essa literatura e trazendo para o nosso cotidiano, fazendo pontes com o dia a dia e o que pode ser percebido de continuidades e permanências.

Nesta análise, que nos traz a literatura como uma fonte de pesquisa, em específico a obra de Rodolfo Teófilo, podemos estar cientes que ela foi lida e relida como uma obra que traz elementos dos ocorridos da seca de 1877, e como uma seca que já foi bastante discutida nas pesquisas historiografias, traz a importância de ser utilizada como uma leitura no campo de ensino. Muitos leitores podem ter feito a leitura de forma apressada, sem um exame mais aprofundado, e assim colocada como uma leitura qualquer, mas trazendo para uma investigação científica, é bastante importante que nos atentemos para os mínimos detalhes.

É de fundamental relevância que a obra de Teófilo, além do que já foi discutido sobre ela, tenha mais um destaque que se possa fazer dentro da História, unida no campo da Literatura. Considerada a primeira literatura que traz como elemento central a fome, Teófilo nos mostra como foi tão catastrófico os percalços e sensações que uma família vivenciou e sofreu. Ele traz elementos de um cotidiano rural que foi de grande importância para a crítica da época, que se aproxima muito com a realidade do período, os dramas humanos mais intensos.

Teófilo traz consigo uma região que era pouca valorizada na época, e é trazendo essa singularidade que ele mistura personagens que são estudados até a atualidade. Segundo Waldemar Pereira Rodrigues Filho “Não há um escrito do autor que fuja a essa regra. São jagunços, retirantes, curandeiros, feiticeiros, coronéis, enfim, todo um conjunto de figuras locais que identificam e isolam o ambiente” (2010, p-1170). É nessa junção que se pode trazer uma História Cultural que traz elementos e particularidades de uma sociedade, seja ela expressa em crônica, conto, ou romance como é o nosso caso.

Em suma, trabalhar com a literatura em sala, abre portas para diversas possibilidades, mas muito ainda falta ser discutido. Há outros livros que também auxiliam a práxis do professor de história.

## **REFERÊNCIAS**

BLOCH, Marc Leopold Benjamim, 1886-1944. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**/ Marc Bloch; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação de à edição brasileira de Lília Moritz Schwarcz; tradução, André Telles. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Valdeci Rezende. **História e literatura: algumas considerações**. *rth*, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010.

BRITO, Luciana. **A fome: Retratos dos horrores da seca e migrações cearenses no final do século XIX**. Estação Literária. Londrina, Volume 10B, p.111-125, jan. 2013.

BURKE, Peter, 1937- **A Escola dos Annales (1929-1989) a revolução francesa da historiografia**/ Peter Burke; tradução Nilo Odalia. 2.ed.- São Paulo: Editora Unesp, 2010.

CHARTIER, Roger et al. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, p. 12, 1990.

DE LIMA GRECCO, Gabriela. **História e literatura**: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, v. 6, n. 11, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MAGNAMI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura e Formação do Gosto**: por uma pedagogia do desejo do desafio. Disponível em: < [www.crariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_13\\_p101-106\\_c.pdf](http://www.crariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p101-106_c.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2009.

NEVES, Frederico de Castro. **A Seca na História do Ceará**. In. Uma nova História do Ceará. Organização, Simone de Souza; Adelaide Gonçalves ... [et.al] – 4. ed. ver. e atual. – Fortaleza Edições Demócrito Rocha, 2007. Págs. 76-102.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 2 ed.

PEREIRA FILHO, Waldemar Rodrigues. **A fome: ânsia ou carência**. Uma Leitura das obras de Rodolfo Teófilo e Knut Hamsun. **Revista do SETA-ISSN 1981-9153**, v. 4, 2010.